

Teleimaginações do caos e do concreto: a cidade de São Paulo na telenovela brasileira¹

Lucas Martins NÉIA²

Centro Universitário Senac – Campus Santo Amaro, São Paulo/SP

RESUMO

Este artigo objetiva analisar como a cidade de São Paulo e sua região metropolitana têm sido retratadas pelas ficções televisivas brasileiras – notadamente as telenovelas – ao longo do tempo. Ancorados nos achados de investigações anteriores (Néia, 2022, 2023), recorreremos à variável *espacialidade* e suas interfaces nos “mundos narrados” das tramas e no(s) “mundo(s) vivido(s)” da nação a fim de observar a constituição e manutenção de constructos da identidade paulistana no decurso histórico da teledramaturgia nacional. A nosso ver, tais constructos se apropriaram de um *imaginário geossocial* caro à paisagem moderna brasileira e que ainda hoje é patente no circuito cultural do país.

PALAVRAS-CHAVE: telenovela brasileira; identidade paulistana; espacialidade; história cultural; imaginação moderna.

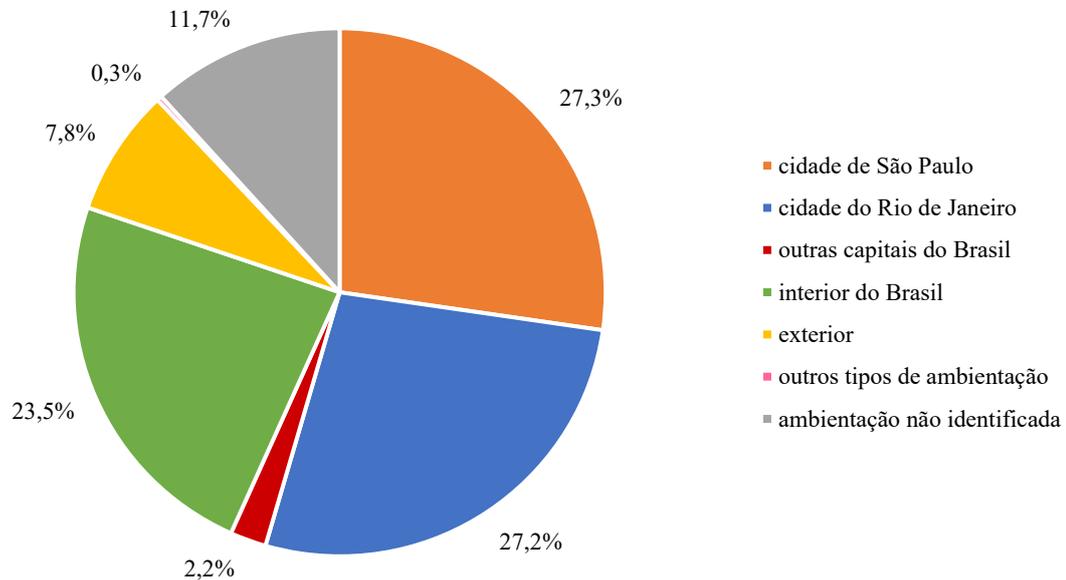
Em pesquisa anterior voltada à história da telenovela no Brasil (Néia, 2023), procuramos tomar a *espacialidade* como principal variável teórica e empírica no engendramento de análises socionarrativas das ficções televisivas. Ao lidarmos com uma noção de lugar desvelada por um caráter subjetivo e cultural-simbólico (Haesbaert, 2010), exploramos as interfaces de tal variável tanto nos “mundos narrados” das obras quanto no “mundo vivido” (ou nos “mundos vividos”) da nação, de modo a observar como sentidos e constructos da identidade nacional se constituíram e se reconfiguraram na diacronia de nossa teledramaturgia. Além disso, também nos guiamos pela hipótese de que, nos últimos 60 anos, o melodrama tem operado como articulador de significados e dilemas da brasilidade patentes e latentes na arena de produção, circulação e recepção de sentidos acionada pelas telenovelas produzidas no país.

Lançamo-nos, então, ao escrutínio de 677 teleficções brasileiras diárias veiculadas em cadeia nacional entre 1963 – quando a Excelsior levou ao ar *2-5499 Ocupado* – e 2020, com vistas a identificar as ambientações espaciais nas quais o enredo de cada uma dessas produções se desenrolava.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Roteirista, dramaturgo, diretor e arte-educador. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e bacharel em Artes Cênicas pela UEL. Professor do Centro Universitário Senac – Campus Santo Amaro (CAS) e do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). E-mail: lucas_martins_neia@hotmail.com.

Gráfico 1. Ambientação espacial das telenovelas brasileiras de 1963 a 2020



Fonte: Néia (2023)

Cotejamos tais dados com as periodizações propostas por Hamburger (2005) e Lopes (2003, 2009) para o processo histórico das telenovelas no Brasil; ambas as autoras dividem esse processo em três fases: *fantasia* (Hamburger, 2005) ou *sentimental* (Lopes, 2009), compreendida entre 1963 e 1968 e marcada por enredos fortemente melodramáticos; *nacional-popular* (Hamburger, 2005) ou *realista* (Lopes, 2003, 2009), que se estende de 1968 a 1990 e é caracterizada por narrativas que, mesmo investindo no constructo de um Brasil que se “moderniza”, ainda se valem do modo ético e emocional de conceituação e dramatização do melodrama; e *de intervenção* (Hamburger, 2005) ou *naturalista* (Lopes, 2009), iniciada em 1990 e notabilizada pela encenação de fatos ou temas sociais e políticos que remetem explicitamente à vida da nação.

Ademais, os achados dessa investigação nos levaram a refletir acerca da emergência de um novo estágio na diacronia da teleficção brasileira, o qual denominamos *neofantasia* ou *neossentimental* (Néia, 2023). Essa fase – cujo marco inicial é a telenovela *Os Dez Mandamentos*, exibida pela Record em duas temporadas entre 2015 e 2016 – verifica um aumento percentual no número de tramas ambientadas integralmente no exterior em comparação aos dois períodos anteriores.

Tabela 1. Ambientação espacial das narrativas por fases da telenovela brasileira (1963 a 2020)

fase \ ambient.	cidade de São Paulo	cidade do Rio de Janeiro	outras capitais do Brasil	interior do Brasil	exterior	outros tipos	não identificada	TOTAL
<i>fantasia</i> ou <i>sentimental</i> (1963 a 1968)	28	4	4	20	30	0	61	147
<i>nacional-popular</i> ou <i>realista</i> (1968 a 1990)	86	87	3	62	12	1	18	269
<i>de intervenção</i> ou <i>naturalista</i> (1990 a 2015)	58	80	6	67	4	1	0	216
<i>neofantasia</i> ou <i>neossentimental</i> (2015 a 2020)	13	13	2	10	7	0	0	45
TOTAL	185	184	15	159	53	2	79	677

Fonte: Nêia (2023)

Pouco mais da metade das telenovelas consultadas – 369 títulos, ou 54,5% do montante total – teve como cenário as regiões metropolitanas do eixo Rio-São Paulo. Tal dado não nos surpreende quando olhamos para o desenvolvimento da televisão no Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro são os principais mercados consumidores do país, e desde cedo se configuraram como os locais mais propícias à instalação das cabeças de rede dos canais de alcance nacional; esse fator resultou, ainda, na invariável predominância de um *olhar sudestino* nas tramas ambientadas em outras localidades brasileiras. (Nêia, 2023)

Interessa-nos, no presente trabalho, explorar mais detidamente quais *constelações de sentido* (Albuquerque Júnior, 2011) relativas a São Paulo foram articuladas no decorrer da história de nossa telenovela. Justamente na década de 1960, afinal, São Paulo se tornou o maior polo econômico e o centro urbano mais populoso do país, não por acaso figurando como a segunda ambientação nacional preponderante do período *fantasia* ou *sentimental* da ficção televisiva brasileira, atrás da primeira colocada (o exterior do Brasil) por uma diferença de apenas duas obras; não nos esqueçamos de que Tupi e Excelsior, as duas emissoras que mais produziram títulos nesse período, tinham suas sedes localizadas na capital paulista.

A própria *2-5499 Ocupado*, calcada no romance entre uma detenta que exercia a função de telefonista do presídio onde se encontrava encarcerada e um advogado que, por engano, discara para aquele número e se encantara com a voz da moça, teve sequências rodadas na Casa de Detenção de São Paulo (Ricco; Vanucci, 2017; Xavier, 202-). Cinco

anos depois, *Beto Rockefeller* (Tupi, 1968), responsável pelo estabelecimento da fase *nacional-popular* ou *realista* de nossa teleficção, já trazia a configuração sociogeográfica da cidade como um elemento imprescindível ao seu enredo – vide esta fala de Lima Duarte, diretor da trama:

E o Cassiano [Gabus Mendes, então diretor artístico da Tupi e responsável pelo argumento de *Beto Rockefeller*] deu a ideia, falou assim: “olha, tem duas ruas em São Paulo que são paralelas, a Augusta e a Teodoro Sampaio. [...] Eu quero fazer a história de um homem que nasceu na Teodoro Sampaio e quer fazer a vida na Augusta – ou seja, um homem que tenta ascender socialmente sem pagar todos os tributos que essa coisa exige. E você sabe que ninguém ascende de graça”. (Novela, 2016)

A São Paulo das telenovelas é o centro dos negócios, das multidões, da velocidade – rótulos atribuídos a ela desde que passou pelo *boom* de crescimento e urbanização responsável por transformá-la, a partir dos anos 1920, em uma metrópole moderna (Sevcenko, 1992). Sua geografia humana é composta por famílias tradicionais decadentes e imigrantes novos ricos. É, ainda, a cidade da mão de obra industrial – categoria que, não por acaso, possui profundas intersecções com o imaginário migratório arraigado à cultura brasileira. Todas essas questões foram trabalhadas ao longo dos anos tanto por meio da comédia, em obras como *O Cara Suja* (Tupi, 1965), *Guerra dos Sexos* (Globo, 1983), *Sassaricando* (Globo, 1987), *Rainha da Sucata* (Globo, 1990), *As Filhas da Mãe* (Globo, 2001) e *Haja Coração* (Globo, 2016), quanto pelo drama – *Antônio Maria* (Tupi, 1968), *A Fábrica* (Tupi, 1971), *Os Ossos do Barão* (Globo, 1973; SBT, 1997), *Os Imigrantes* (Bandeirantes, 1981), *A Próxima Vítima* (Globo, 1995), *Terra Nostra* (Globo, 1999) e *Passione* (Globo, 2010).

O imaginário da imigração vinculado a São Paulo se retroalimenta fortemente do projeto modernizante – do qual o *branqueamento* foi um dos vetores – idealizado pelas elites da cidade entre o final do século XIX e o início do século XX. Ao analisar documentos oficiais, jornais, fotografias e textos literários referentes a São Paulo produzidos no período da *Belle Époque* brasileira, quando a capital paulista começa a se projetar como centro econômico de porte nacional, Santos (2003) se depara com a ausência de outras etnias além daquelas representadas, nas camadas mais baixas, pelos imigrantes caucasianos, especialmente os de origem italiana. Nos registros de uma Pauliceia que começava a crescer vertiginosamente, pobres negros, mestiços, caboclos,

indígenas e caipiras aparecem em segundo plano ou fora do foco central dos registros literários e fotográficos. Esse estigma, infelizmente, acabou se perpetuando na ficção televisiva brasileira de modo geral, não somente nas tramas ambientadas na cidade.

Em nossos esforços para *cartografar* (Gaddis, 2003) os constructos espaciais – e, por conseguinte, identitários – paulistanos reconfigurados e ressemantizados no decorrer da história da telenovela brasileira, recorreremos a um arcabouço teórico-epistemológico que nos permita consubstanciar problemáticas do campo da Comunicação a parâmetros provenientes da Geografia, da História e dos Estudos Culturais, como já fizemos em investigações anteriores (Néia, 2017, 2022, 2023). Tencionamos, desta forma, demonstrar que as teleficções nacionais têm lidado majoritariamente com um imaginário *geossocial* de São Paulo engendrado entre o final do século XIX e o início do século XX – ou seja, quando a *imaginação moderna* do Brasil tomava forma.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HAMBURGER, Esther Império. **O Brasil antenado: a sociedade da novela**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 26, p. 17-34, jan./abr. 2003.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 21-47, ago./dez. 2009.
- NÉIA, Lucas Martins. **Como a ficção televisiva moldou um país: uma história cultural da telenovela brasileira (1963 a 2020)**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023.
- NÉIA, Lucas Martins. Estéticas y estigmas de/en la geografía imaginada de la telenovela brasileña. **Miguel Hernández Communication Journal**, Alicante, v. 13, n. 1, p. 81-100, 2022.
- NÉIA, Lucas Martins. Por uma história cultural da telenovela brasileira: transversalidades entre a Comunicação e a História. In: CONGRESSO TELEVISÕES, 1., 2017, Niterói. **Anais** [...]. Niterói: UFF, 2017.

NOVELA: 65 Anos de Emoções. Apresentação: Atilio Bari. Criação: Hermes Frederico. Roteiro e direção geral: Atilio Bari e Hermes Frederico. São Paulo: TV Cultura; Hergus Empreendimentos Culturais, 2016. 8 episódios.

RICCO, Flávio; VANUCCI, José Armando. **Biografia da televisão brasileira**. São Paulo: Matrix, 2017. v. 1.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

XAVIER, Nilson. **Teledramaturgia**, [202-]. Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/>. Acesso em: 21 jun. 2024.